

Orgulhavam-se de seus celeiros coletivos onde depositavam o resultado do esforço humano livremente associado no campo, nos currais, nos moinhos e nos trabalhos artesanais para serem distribuídos, independentemente das forças físicas, idade e/ou capacidade de produção de cada um.

O seu exemplo de igualdade social e de independência foi ferozmente combatido porque os escravos, libertados de seus cativeiros, contestavam a autoridade dos governantes, desafiavam suas leis e a monarquia portuguesa. Suas aldeias formavam uma "nação negra" e uma ameaça aos poderosos pela independência com que edificavam suas casas, faziam suas ferramentas e as armas com as quais se defendiam dos invasores, ao longo de 92 anos em que existiu o *Quilombo de Palmares*. Foram precisas 18 incursões militares para vencer aquele povo cujos exemplos heróicos deixaram marcas até hoje.

A escravatura no Brasil era ao tempo um negócio rendoso que varou os anos. Nem mesmo a discordância de Pedro I e as leis do "*Ventre Livre*" e "*Áurea*", no século XVIII, impediram que a ganância humana continuasse convertendo o trabalhador negro e branco nos escravos de hoje. Não é mais segredo para ninguém que "em 1978 existiam 30 milhões de pessoas (negros e brancos) vivendo em pobreza absoluta no Brasil". Hoje há muito mais "nos sertões da Bahia, Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí".

A escravatura no Brasil converteu-se numa praga contagiante, lucrativa e desumana que teve o privilégio de transformar o filho de um escrivão de cartório, responsável pelos escritores de Compra e Venda de negros, num dos anarquistas mais cultos e puros deste país: Fábio Luz.<sup>2</sup>

Mas em que pesasse o esforço do Dr. Fábio Luz no combate à escravidão, durante 60 anos ininterruptos, o homem ainda continua escravizando o seu semelhante! A *independência* plena ainda não aconteceu!<sup>3</sup>

2. Nesta obra, inclui-se sua biografia.

3. Edgar Rodrigues, *Ideias*, Barcelona, 1985; e *Socialismo e Sindicalismo no Brasil - Movimento Operário - 1675-1913*; Edson Carneiro, *O Quilombo dos Palmares*; Décio Freitas, *Palmares - A Guerra dos Escravos*; M. M. de Freitas, *Reino Negro de Palmares* (2 vols.) João Felício dos Santos, *Ganga Zumba*; Clóvis Moura, *Rebelião da Senzala*.

## b) A COMUNIDADE INDEPENDÊNCIA

Situada a 20 quilômetros do município de Parati, no Estado do Rio de Janeiro, nasceu, faz mais de 200 anos, um Quilombo de fugitivos das fazendas e do "*Porto de Pouso*".

No século XIX chegou a ter 300 famílias, vivendo livremente, sem leis, sem autoridade constituída ou religiões castradoras.

As fugas e a formação da comunidade negra começou pelos anos de 1722. Os trabalhadores negros vinham empilhados em navios para serem vendidos aos donos das fazendas, em leilões realizados nas praças públicas. Alguns chegavam debilitados, doentes, não ofereciam garantias aos compradores de que fariam jus à comida e suportariam o peso do chicote do capataz.

Para melhorar a aparência dos escravos combalidos, os traficantes criaram o "*Porto de Pouso*", também conhecido como "área de engorda", destinado a recuperar os negros enfraquecidos pela longas viagens de navio.

A recuperação chegava a durar até 5 e 6 meses. Quando então fortes e saudáveis, eram batizados em Parati e vendidos.

A maioria aceitava passivamente esta situação e lá seguiam em "lotes", como rebanhos de gado, amarrados uns aos outros, até às fazendas do Estado do Rio de Janeiro e outras regiões do país.

Mas alguns escravos resolviam fugir durante a recuperação e começaram a formar o Quilombo *Independência*.

Por falta de conhecimento e de resistência física, não alcançaram grandes distâncias do "*Porto do Pouso*". Assim mesmo, os "seus donos" não os perseguiram, convictos de que a maioria, em precárias condições de saúde, morreriam antes de dar lucro.

Sem nada de seu, além dos braços para trabalhar e da "roupa" que levavam no corpo, os fugitivos começaram a lutar pela sobrevivência, improvisando abrigos, em pontos

PARA  
O  
AZANIA

Estas dadas  
estão desatualizadas  
(1981)

que lhes pareciam fora do alcance dos brancos. Aos poucos conseguiram ferramentas, sementes, começaram a cultivar terras e construir suas casas.

Os primeiros alimentos foram obtidos por meio de caça e dos frutos do mato.

Formaram famílias, casando irmãos com irmãs, pais com filhas, tios com sobrinhas até que o tempo começou a distanciar os casamentos entre familiares.

Apesar disso e da ausência de médicos e de medicamentos no quilombo, seus habitantes vivem até os 90 e 100 anos.

Alguns sabem escrever e ler, e não aceitam perder suas terras cultivadas ao longo de várias gerações. Nenhum possui qualquer título de propriedade: a garantia da posse de cada um é o respeito mútuo.

As crianças são bonitas e sadias. Dir-se-ia que recebem ajuda da terra que pisam através dos pés descalços. Seu chão ainda não é poluído, apesar de ignorarem as novas técnicas que regem a higiene: Ao seu mundo ainda não chegou o "progresso"...

Não gostam de receber visitas de brancos, têm medo de ser expulsos e de injeções que os membros da "malária" lhes pretenderam aplicar, por mais de uma vez, sem sucesso.

Apesar de sua vida "primitiva", vivem felizes, trabalham para viver, pouco vendem e pouco compram. Em compensação instituíram muitos dias feriadados por ano para descansar e divertir-se em conjunto, ainda que exerçam atividades individuais. Ao contrário de outras comunidades que cultivam terras, constroem casas e estradas coletivamente, na *Comunidade Independência* cada um trabalha para si. São individualistas, salvo em tarefas que atendem à comunidade.

Em seu mundo, a violência, a ambição e a exploração do homem pelo homem não promovem desavenças, nem a desarmonia no quilombo.

Ali não existem patrões nem empregados, cada um trabalha para si.

Atualmente reduzida a 6 casas e cerca de 40 pessoas, a maior "riqueza" da *Comunidade Independência* é a liberdade!

Plantam banana, aipim, frutas cítricas, milho, cana-de-açúcar, tudo calculado de acordo com as necessidades de cada família.

Além disso caçam e bebem quando têm vontade.

Os fundadores do quilombo *Independência* optaram pela liberdade e pela natureza, rejeitando a casa e o pão amargo da escravidão que os patrões da época lhes garantiam. Os fundadores da *Comunidade Independência* tinham a certeza de que nem só de pão vive o homem.<sup>4</sup>

### c) O QUILOMBO DE LIVRAMENTO

Há mais de 100 anos, escravos negros — OS PATRÍCIOS — constituíram uma comunidade livre no Pico do Papagaio, a 1.300 metros de altura, um local bastante seguro, sem possibilidades de acesso dos "capitães-do-mato" (os caçadores de escravos fugitivos) contratados pelos donos das fazendas para caçá-los e cortar-lhes as orelhas a facão, como castigo.

Livramento é o ponto mais alto do Nordeste, a 11 quilômetros de distância da sede do município de Trindade, no Estado de Pernambuco.

Espalhados em três localidades — Livramento, Aguas Claras e Espírito Santo — com mais de mil habitantes, os quilombolas pouco se misturaram com os brancos de quem guardam velhos ressentimentos, transmitidos de pais para filhos.

Desconfiados, recusam-se a falar de sua origem. Os mais velhos, educados pelos fugitivos-fundadores da comunidade, retêm uma formação defensiva, usam recursos intelectuais e psicológicos que os fundadores do Quilombo lhes transmitiram. Essa herança leva-os a fugir de qualquer contato com estranhos, não se deixando fotografar e negam-se a contar como nasceu aquela comunidade negra e de onde vieram os seus antepassados. Os jovens, um pouco mais

4. E. R., *Gazeta do Sul*, 31-7-1982, Portugal.

NO AZÂNIA.

Proibição de este histórico seja divulgada

abertos, declaram ignorar as suas origens. São todos totalmente impenetráveis, seguros, sempre na defensiva como se ainda vivêssemos no tempo dos "senhores de engenhos". Não acreditam ainda na abolição da escravatura e nem na civilização do branco — e têm razão! diga-se. É uma desconfiança transmitida, que lhes vem no sangue...

Não tomam conhecimento da política, nada disso lhes interessa; ignoram as leis do Estado e da Igreja. Vivem à parte dos costumes das "cidades grandes". Seus casamentos e batizados realizam-se dentro da comunidade, sem interferências do registro civil ou da Igreja.

Só recentemente é que o frade carmelita, Cerilo, conseguiu aproximar-se deles e passou a "dar-lhes assistência religiosa" nos dias que eles mesmos consideram "santos". Mas nem o frade conseguiu arrancar-lhes nada sobre as suas origens. São impenetráveis aos elementos estranhos ao seu mundo. Mantêm as tradições de seus antecedentes e conservam os costumes orais, a "dança do coco", nos dias de festa de S. José, o santo padroeiro da comunidade negra. Sua cultura é conservada ao longo dos anos, passada de gerações para gerações. Pouco mudaram nestes mais de 100 anos.

Vivem da agricultura, trabalhada de forma primitiva, mas sadia, livre de vícios mercantilistas, de ambições comerciais. Para eles, o importante é suprir as necessidades do dia-a-dia.

Quando a seca castiga as suas lavouras, os quilombolas do Livramento sofrem resignados. Nunca aceitaram inscrever-se nas "frentes de emergência" abertas pelo governo para atender os flagelados. É que não confiam nas promessas dos brancos nem do governo, apesar de fazer muitos anos que entrou em vigor a "Lei Aurea". Têm medo de perder o pouco que ainda lhes resta. E essa desconfiança não é só dos velhos. Os jovens também "têm medo de serem mais tarde obrigados a pagar ao governo ajuda que receberam ou a entregar suas terras para pagamento dos salários recebidos.

Sem documentos de suas propriedades cultivadas há mais de um século, deixadas de pais para filhos, de gerações a gerações, defendem-na com afinco. O seu direito à terra é consuetudinário, responde pela sobrevivência de várias

gerações. Os desbravadores-pioneiros — OS PATRÍCIOS — não encontraram ali nada além de mata virgem que precisaram cortar para implantar uma aldeia com um mínimo de possibilidades de vida. Aos poucos foram construindo seus casebres, abrindo poços, caminhos, desmatando e plantando para se alimentar. Dir-se-ia que foi um começo livre do sistema escravocrata da época, mas muito duro!

Hoje, decorrido mais de um século, os quilombolas de Livramento ainda resistem "à civilização" que os cerca e tende a asfixiar o seu mundo. São pacíficos, bloqueiam a invasão das idéias dos brancos, não trocam a paz da sua comunidade. Nunca precisaram — que se saiba — de interferência das autoridades constituídas, nem do Estado, para dirimir suas dúvidas; do médico para curar seus males ou da Igreja para aliviá-los de seus pecados... Crentes, temerosos das intempéries violentas atribuídas a Deus, aceitam as desgraças com resignação. Procuram sempre contornar seus males sem interferências de estranhos ao seu mundo.

Não são ricos nem pobres, vivem uma vida humilde, sem ambições maiores, sem inveja, ódio ou rancor, dentro das possibilidades da comunidade que se ajuda mutuamente. Suas terras — salvo durante os períodos de seca — produzem suficiente para viver com dignidade. Para obter roupas, vendem galinhas, ovos, verduras e peças de artesanato que produzem em bom estilo.

José Pia é hoje considerado um "líder", mas ele não se preocupa com isso. Apenas os jovens se inclinam para ouvir rádio depois que chegou a energia elétrica há cerca de 10 anos. Atualmente — informa-se — existem 4 aparelhos de televisão em Livramento. Depois das 18 horas, os aparelhos são ligados e todos se reúnem para assistir à programação. Conseguem-se uma boa imagem pela altura em que fica o Pico do Papagaio.

Os remanescentes diretos dos fundadores do Quilombo não têm preconceitos sexuais. Constância Patrícia, neta dos fundadores, por exemplo, é mãe de 20 filhos, solteira e considera-se "donzela", nunca quis casar.

Para eles pouco importa o progresso das grandes cidades, o que desejam é que os deixem em paz!<sup>5</sup>

5. E. R., O Jornal da Província, 15/30-5-1981, Portugal.